

A Totalidade e a Ordem Implicada

Tradução
MAURO DE CAMPOS SILVA

Revisão Técnica
NEWTON ROBERVAL EICHENBERG



EDITORA CULTRIX
São Paulo

1

Fragmentação e totalidade

O título deste capítulo é "Fragmentação e totalidade". É de especial importância considerar esta questão nos dias de hoje, pois agora a fragmentação será muito difundida, não apenas por toda a sociedade, mas também em cada indivíduo; e isto leva a uma espécie de confusão geral na mente, criando uma série interminável de problemas e interferindo tão seriamente com a clareza da nossa percepção que nos impede de resolver a maior parte deles.

Assim, a arte, a ciência, a tecnologia e o trabalho humano em geral são divididos em especialidades, sendo cada uma delas considerada como essencialmente separada das outras. Não satisfeitos com esse estado de coisas, os homens propuseram assuntos interdisciplinares adicionais, com a intenção de unir essas especialidades. Mas esses novos temas, em última análise, serviram principalmente para acrescentar outros fragmentos separados. Portanto, a sociedade como um todo tem-se desenvolvido de forma tal que se encontra fracionada em nações e em diferentes grupos religiosos, políticos, econômicos, raciais, etc. Em correspondência, o ambiente natural do homem tem sido visto como um agregado de partes existentes separadamente, a serem exploradas por diferentes grupos de pessoas. Da mesma forma, cada ser humano individual foi fragmentado num grande número de compartimentos separados e conflitantes, conforme seus diferentes desejos, metas, ambições, lealdades, características psicológicas, etc., a tal ponto que em geral se admite que certo grau de neurose é inevitável, enquanto que muitos indivíduos, que vão além dos limites "normais" da fragmentação, são classificados como paranóides, esquizóides, psicóticos, etc.

É evidente que é ilusória a noção de que todos esses fragmentos existem separadamente, e essa ilusão não faz outra coisa senão levar a um conflito e a uma confusão infindáveis. De fato, a tentativa de viver de acordo com a noção de que os fragmentos estão realmente separados é, em essência, o que tem levado à série crescente de crises extremamente urgentes, com as quais, hoje, nos defrontamos. Assim, como bem se sabe agora, esse modo de vida é o que vem ocasionando a poluição, a destruição do equilíbrio da natureza, a superpopulação, a desordem política e econômica em escala mundial, a criação de um ambiente global que não é saudável, seja física ou mentalmente, para a maioria das pessoas que nele têm de viver. Individualmente, desenvolveu-se um sentimento muito difundido de impotência e desespero em face do que parece ser uma massa avassaladora de forças sociais desiguais, que está além do controle, e mesmo da compreensão, dos seres humanos por ela envolvidos.

De fato, até certo ponto, sempre foi necessário e adequado para o homem, em seu pensamento, dividir e separar as coisas, de modo a reduzir os problemas a proporções controláveis; pois, evidentemente, se em nosso trabalho técnico prático tentássemos lidar com o todo da realidade de uma só vez, ficaríamos atolados. Logo, de certa forma, a criação de matérias especiais de estudo e a divisão do trabalho foram avanços importantes. Mesmo antigamente, a primeira compreensão que o homem teve de que não era idêntico à natureza foi um passo crucial, pois tornou possível uma espécie de autonomia em seu pensamento, que lhe permitiu ir além dos limites imediatos da natureza, a princípio em sua imaginação e, finalmente, em seu trabalho prático.

No entanto, essa habilidade do homem em separar a si próprio do ambiente, bem como em dividir e distribuir as coisas, levou em última instância a um largo espectro de resultados negativos e destrutivos, pois ele perdeu a consciência do que estava fazendo e, deste modo, estendeu o processo de divisão além dos limites dentro dos quais este opera adequadamente. Em essência, o processo de divisão é uma maneira conveniente e útil de *pensar sobre as coisas*, principalmente no domínio das atividades práticas, técnicas e funcionais (p. ex., dividir um terreno em diferentes campos onde várias safras serão cultivadas).

Todavia, quando este modo de pensamento é aplicado de uma forma mais ampla à noção do homem a respeito de si mesmo e a respeito do mundo todo em que vive (isto é, à sua visão de mundo pessoal), então ele deixa de considerar as divisões resultantes como meramente úteis ou convenientes e começa a ver e a experimentar a si próprio, e ao seu mundo, como efetivamente constituídos de fragmentos separadamente existentes. Guiado por uma visão pessoal de mundo fragmentária, o homem então age no sentido de fracionar a si mesmo e ao mundo, de tal sorte que tudo parece corresponder ao seu modo de pensar. Ele assim obtém uma prova aparente de que é correta a sua visão de mundo fragmentária, embora, é claro, negligencie o fato de que é ele próprio, agindo de acordo com o seu modo de pensar, a causa da fragmentação que agora parece ter uma existência autônoma, independente da sua vontade e do seu desejo.

Desde tempos imemoriais, os homens têm consciência desse estado de fragmentação aparentemente autônomo e projetam mitos de uma "idade de ouro" ainda mais antiga, antes que a ruptura entre o homem e a natureza e entre o homem e o seu semelhante tivesse ocorrido. De fato, o ser humano sempre buscou a totalidade — mental, física, social, individual.

É instrutivo considerar que a palavra *health* (saúde) em inglês baseia-se na palavra anglo-saxônica *hale*, que significa "inteiro" [*whole*, em inglês]: isto é, estar com saúde é estar inteiro, o que é mais ou menos o equivalente, penso, da palavra hebraica "shalem". Igualmente, o inglês *holy* [sagrado, santo] baseia-se na mesma raiz que *whole*. Tudo isso indica que o homem sempre sentiu que a integridade ou totalidade é absolutamente necessária para que a vida valha a pena ser vivida. No entanto, durante eras, ele geralmente viveu em fragmentação.

Certamente, a questão de por que isso tudo ocorre exige atenção cuidadosa e séria consideração.

Neste capítulo, a atenção será focalizada no papel sutil, mas crucial, de nossas formas gerais de pensamento em sustentar a fragmentação e frustrar os nossos mais profundos anseios com vistas à totalidade ou integridade. Com o fim de dar à discussão um conteúdo concreto, falaremos até certo ponto, em termos de

pesquisas científicas correntes, que é um campo relativamente familiar para mim (embora, é claro, também se tenha em mente a importância global das questões em exame).

O que será enfatizado, em primeiro lugar, na pesquisa científica e depois num contexto mais geral, é que a fragmentação está sendo continuamente produzida pelo hábito quase universal de tomar o conteúdo do nosso pensamento por “uma descrição do mundo como ele é”. Ou então, poderíamos dizer que, nesse hábito, considera-se o pensamento como estando em correspondência direta com a realidade objetiva. Uma vez que o nosso pensamento é permeado por diferenças e distinções, segue-se daí que um tal hábito nos leva a enxergá-las como divisões reais, de modo que o mundo então é visto e experimentado como algo efetivamente dividido em fragmentos.

A relação entre o pensamento e a realidade à qual ele se refere é, de fato, muito mais complexa do que a de uma mera correspondência. Assim, na pesquisa científica, boa parte do nosso pensamento está assentada em termos de *teorias*. A palavra “teoria” deriva do grego *theoria*, que tem, assim como a palavra “teatro” a mesma raiz numa palavra que significa “observar” ou “fazer um espetáculo”. Assim, poder-se-ia dizer que uma teoria é, basicamente, uma forma de *insight* [ou intuição], ou seja, um modo de olhar para o mundo, e não uma forma de *conhecimento* de como ele é.

Nos tempos antigos, por exemplo, os homens tinham a teoria de que a matéria celeste era fundamentalmente diferente da matéria terrena, e que era natural os objetos desta última caírem, assim como era natural que os objetos celestes, como a Lua, permanecessem lá em cima no céu. Com o advento da era moderna, porém, os cientistas começaram a amadurecer o ponto de vista segundo o qual não havia qualquer diferença essencial entre a matéria terrena e a matéria celeste. Isto, é claro, implicava que os objetos do céu, como a Lua, deveriam cair, mas por muito tempo não notaram esta implicação. Num súbito *insight*, Newton então viu que, assim como a maçã cai, o mesmo acontece com a Lua, e de fato com todos os objetos. Assim, ele foi levado à teoria da gravitação universal, em que todos os objetos eram vistos como caindo em direção a vários centros (p.

ex., a Terra, o Sol, os planetas, etc.). Isto constituiu um novo modo de *olhar* para o céu, modo este em que os movimentos dos planetas não eram mais vistos mediante a antiga noção de uma diferença essencial entre matéria celeste e matéria terrena. Em vez disso, considerava-se esses movimentos em termos de velocidade de queda de toda a matéria, celeste e terrena, em direção a vários centros, e quando se via que alguma coisa não era explicada desse modo, procuravam-se, e freqüentemente descobriam-se, planetas novos e até então invisíveis em direção aos quais caíam os objetos celestes (assim demonstrando a relevância dessa maneira de olhar).

A forma newtoniana de *insight* funcionou muito bem por vários séculos, mas finalmente (como os antigos *insights* gregos que vieram antes) levou a resultados obscuros quando estendida a novos domínios. Desenvolveram-se, nesses novos domínios, novas formas de *insight* (a teoria da relatividade e a teoria quântica). Estas proporcionaram um quadro do mundo radicalmente diferente daquele de Newton (embora se tenha percebido que este último ainda é válido num domínio limitado). Se supuséssemos que as teorias propiciassem o verdadeiro conhecimento, correspondendo à “realidade como ela é”, então teríamos de concluir que a teoria newtoniana era verdadeira até por volta de 1900, após o que, subitamente, tornou-se falsa, enquanto a relatividade e a teoria quântica tornaram-se a verdade. Uma conclusão assim tão absurda não se apresentará, contudo, se dissermos que todas as teorias são *insights*, que não são nem verdadeiros nem falsos, mas, antes, claros em certos domínios e obscuros quando estendidos além destes. Isto significa, porém, que não igualamos teorias com hipóteses. Como indica a raiz grega da palavra, uma hipótese é uma suposição, isto é, uma idéia “colocada sob” o nosso raciocínio, como uma base provisória que deve ser testada experimentalmente quanto a sua verdade ou falsidade. No entanto, como se sabe muito bem agora, não pode haver nenhuma prova experimental *conclusiva* sobre a verdade ou falsidade de uma hipótese *geral* que vise a cobrir o todo da realidade. Em vez disso, percebe-se (p. ex., no caso dos epíclis ptolomaicos ou do fracasso dos conceitos newtonianos pouco antes do advento da relatividade e da teoria

quântica) que as teorias mais antigas tornam-se cada vez mais obscuras quando se tenta utilizá-las para obter *insight* em novos domínios. Uma cuidadosa observação sobre como isso acontece é, geralmente, o principal indício na direção de novas teorias, que virão a constituir posteriormente, novas formas de *insight*.

Assim, em vez de supor que as teorias mais antigas tornam-se falsas num determinado momento, dizemos apenas que o homem está desenvolvendo continuamente novas formas de *insight*, que são claras até um determinado ponto e depois tendem a ficar obscuras. Não há, evidentemente, nesta atividade nenhuma razão para supor que existe ou existirá uma forma de *insight* final (correspondente à verdade absoluta), ou mesmo uma série uniforme de aproximações dessa forma final. Em vez disso, na natureza do caso, pode-se esperar o desenvolvimento interminável de novas formas de *insight* (que, no entanto, assimilarão certos aspectos fundamentais das formas mais antigas como simplificações, à maneira como a teoria da relatividade faz com a teoria newtoniana). Porém, conforme assinalamos antes, isto significa que nossas teorias devem ser consideradas basicamente como modos de olhar para o mundo como um todo (isto é, como visões de mundo), e não como o "conhecimento absolutamente verdadeiro de como as coisas são" (ou como uma aproximação progressiva e uniforme desse conhecimento).

Quando olhamos para o mundo por intermédio de nossos *insights* teóricos, o conhecimento factual que obtemos será, evidentemente, moldado e formado pelas nossas teorias. Nos tempos antigos, por exemplo, o fato sobre os movimentos dos planetas era descrito em termos da idéia ptolomaica de epículos (círculos sobrepostos a círculos). No tempo de Newton, este fato foi descrito em termos de órbitas planetárias determinadas com precisão, analisadas mediante velocidades de queda em direção a vários centros. Mais tarde, apresentou-se o fato do ponto de vista da relatividade, de acordo com os conceitos de espaço e tempo de Einstein. Ainda mais tarde houve uma especificação muito diferente do fato em termos da teoria quântica (que em geral fornece apenas um fato estatístico). Na biologia, o fato agora é descrito em termos da teoria da evolução, mas antigamente era expresso em termos de espécies fixas de seres vivos.

Portanto, de um modo mais geral, uma vez dadas a percepção e a ação, nossos *insights* teóricos provêm a principal fonte de organização do nosso conhecimento factual. De fato, nossa experiência global é moldada desta maneira. Como Kant parece ter mostrado pela primeira vez, toda experiência é organizada segundo as categorias do nosso pensamento, isto é, nossos modos de pensar sobre espaço, tempo, matéria, substância, causalidade, contingência, necessidade, universalidade, particularidade, etc. Pode-se dizer que essas categorias são formas gerais de *insight* ou modos de olhar para todas as coisas, de maneira que, num certo sentido, são uma espécie de teoria (mas, é claro, esse nível de teoria deve ter-se desenvolvido muito cedo na evolução humana).

Evidentemente, a clareza de percepção e de pensamento requer que geralmente estejamos conscientes de como a nossa experiência é moldada pelo *insight* (nítido ou confuso) proporcionado pelas teorias implícitas ou explícitas em nossos modos gerais de pensar. Com esta finalidade, é útil enfatizar que a experiência e o conhecimento são um só processo, em vez de pensar que o nosso conhecimento é *sobre* algum tipo de experiência separada. Podemos nos referir a esse processo único como experiência-conhecimento (o hífen indicando que são dois aspectos inseparáveis de um movimento total).

Ora, se não estivermos conscientes de que nossas teorias são formas de *insight* sempre em transformação, proporcionando molde e forma à experiência em geral, teremos uma visão limitada. Isso pode ser expresso assim: a experiência com a natureza assemelha-se muito à experiência com seres humanos. Se alguém se aproxima de um outro homem com uma "teoria" fixa a respeito dele, como um "inimigo" contra o qual é preciso se defender, esse homem responderá da mesma maneira e, portanto, a "teoria" será, aparentemente, confirmada pela experiência. De maneira semelhante, a natureza responderá de acordo com a teoria com a qual for abordada. Assim, antigamente os homens pensavam que as epidemias eram inevitáveis, e este pensamento ajudou-os a se comportarem de modo tal a reproduzir as condições responsáveis pela sua disseminação. Com as modernas formas científicas de *insights*, o comportamento do

homem é tal que elimina os modos de vida insalubres, responsáveis pela disseminação das epidemias, fazendo com que elas deixem de ser inevitáveis.

O que impede os *insights* teóricos de avançar além das limitações existentes, transformando-se para ir ao encontro de novos fatos, é justamente a crença de que as teorias proporcionam um verdadeiro conhecimento da realidade (o que implica, é claro, que elas nunca precisam mudar). Embora o nosso moderno modo de pensar tenha, evidentemente, mudado muito em relação ao antigo, os dois têm um aspecto fundamental em comum: ambos estão geralmente limitados, como que por "antolhos", pela noção de que as teorias fornecem o verdadeiro conhecimento sobre a "realidade como ela é". Assim, ambos são levados a confundir as formas e moldes induzidos em nossas percepções pelo *insight* teórico com uma realidade independente do nosso pensamento e do nosso modo de olhar. Essa confusão é de crucial importância, uma vez que nos leva a abordar a natureza, a sociedade e o indivíduo em termos de formas de pensamento mais ou menos fixas e limitadas, continuando assim, aparentemente, a confirmar as limitações dessas formas de pensamento na experiência.

Esse tipo de confirmação interminável das limitações em nossos modos de pensar é particularmente significativo no que diz respeito à fragmentação, pois, como foi mostrado anteriormente, toda forma de *insight* teórico introduz as suas próprias diferenças e distinções essenciais (p. ex., na antigüidade, uma distinção essencial era entre a matéria terrena e a celeste, ao passo que na teoria newtoniana era essencial distinguir os centros em direção aos quais toda a matéria estava caindo). Se considerarmos essas diferenças e distinções como modos de olhar, como guias para a percepção, isto não implica que denotem substâncias ou entidades que existam separadamente.

Por outro lado, se considerarmos nossas teorias como "descrições diretas da realidade como ela é", então inevitavelmente trataremos essas diferenças e distinções como divisões, o que implica existência separada dos vários termos elementares que aparecem na teoria. Seremos, assim, levados à ilusão de que o mundo é efetivamente constituído de fragmentos separados e,

como já foi indicado, isto fará com que atuemos de maneira tal que, de fato, produziremos a própria fragmentação subentendida em nossa atitude em relação à teoria.

É importante dar uma certa ênfase a este ponto. Por exemplo, alguns poderiam dizer: "A fragmentação de cidades, religiões, sistemas políticos, conflitos na forma de guerras, violência geral, fratricídio, etc., são a realidade. A totalidade é apenas um ideal, em direção ao qual talvez devamos nos empenhar." Mas não é isto o que está sendo dito aqui. Antes, o que deve ser dito é que a totalidade é aquilo que é real, e que a fragmentação é a resposta desse todo à ação do homem, guiado pela percepção ilusória, que é moldada pelo pensamento fragmentário. Em outras palavras, justamente porque a realidade é um todo, o homem, com a sua abordagem fragmentária, inevitavelmente será atendido com uma resposta correspondentemente fragmentária. Portanto, é necessário que o ser humano dê atenção ao seu hábito de pensamento fragmentário, que tenha consciência dele, podendo assim eliminá-lo. Então, a abordagem da realidade pelo homem poderá ser total, e a resposta também o será.

Entretanto, para que isso aconteça, é crucial que o ser humano esteja consciente da atividade de seu pensamento *como tal*; isto é, como uma forma de *insight*, um modo de ver, e não como uma "cópia verdadeira da realidade como ela é".

Está claro que podemos ter inúmeros tipos diferentes de *insights*. O que se requer não é uma *integração* do pensamento, ou uma espécie de unidade imposta, pois qualquer ponto de vista imposto seria apenas um outro fragmento. Em vez disso, todos os nossos diferentes modos de pensar devem ser considerados como diferentes modos de olhar para a realidade una, cada um acompanhado de um certo domínio onde ele é nítido e adequado. Pode-se de fato comparar uma teoria com uma determinada visão de algum objeto. Cada visão dá apenas uma aparência do objeto em algum aspecto. O objeto todo não é percebido em nenhuma visão mas, em vez disso, é apreendido só *implicitamente* como aquela realidade única que é mostrada em todas essas visões. Quando entendermos plenamente que as nossas teorias também funcionam desse modo, então não cairemos

no hábito de ver a realidade e de atuar na direção dela como se ela fosse constituída de fragmentos separadamente existentes, o que corresponde ao modo como ela se apresenta ao nosso pensamento e à nossa imaginação no momento em que tomamos nossas teorias por "descrições diretas da realidade como ela é".

Além de uma consciência geral do papel das teorias conforme acima indicado, é necessário dar especial atenção àquelas teorias que contribuem para a expressão de nossas visões de mundo pessoais. Isto porque, em grande parte, é nessas visões de mundo que nossas noções gerais sobre a natureza da realidade e sobre a relação entre o pensamento e a realidade são implícita ou explicitamente formadas. Quanto a isto, as teorias gerais da física desempenham um importante papel, pois considera-se que tratam da natureza universal da matéria da qual tudo é constituído, e do espaço e do tempo em termos dos quais todo movimento material é descrito.

Consideremos, por exemplo, a teoria atômica, proposta pela primeira vez por Demócrito há mais de 2.000 anos. Em essência, essa teoria nos leva a ver o mundo como constituído por átomos que se movem no vazio. As formas e características sempre cambiantes dos objetos de grande escala são vistos agora como resultados de arranjos cambiantes dos átomos em movimento. Evidentemente, essa visão foi, de certa forma, um importante modo de percepção da totalidade, pois possibilitou aos homens entender a enorme variedade de todo o mundo em termos dos movimentos de um único conjunto de componentes básicos, através de um único vazio que permeia toda a existência. No entanto, à medida que a teoria atômica se desenvolveu, acabou por se tornar um grande apoio para uma abordagem fragmentária da realidade. Pois deixou de ser considerada um *insight*, uma maneira de olhar, e os homens passaram a ver como uma verdade absoluta a noção de que o todo da realidade não é, efetivamente, constituído de outra coisa a não ser "blocos de construção atômicos", todos trabalhando juntos mais ou menos mecanicamente.

Evidentemente, tomar qualquer teoria física como uma verdade absoluta é algo que deve tender a fixar as formas gerais do pensamento em física e, assim, contribuir para a fragmen-

tação. Afora isso, porém, o conteúdo específico da teoria atômica era tal que se mostrou especialmente capaz de conduzir à fragmentação, pois estava implícito nesse conteúdo que todo o mundo da natureza, juntamente com o ser humano, inclusive o seu cérebro, o seu sistema nervoso, a sua mente, etc., em princípio poderia ser entendido completamente em termos de estruturas e funções de agregados de átomos existentes separadamente. A confirmação dessa visão atômica por experimentos feitos pelo homem e por sua experiência em geral foi, é claro, tomada como prova da exatidão e, sem dúvida, da verdade universal dessa noção. Assim, quase que todo o peso da ciência foi colocado em apoio a uma abordagem fragmentária da realidade.

É importante assinalar, no entanto, que (como geralmente acontece nesses casos) a confirmação experimental do ponto de vista atômico é limitada. De fato, nos domínios abarcados pela teoria quântica e pela relatividade, a noção de atomismo leva a questões confusas, que indicam a necessidade de novas formas de *insight*, tão diferentes do atomismo como este o é de teorias que o precederam.

Assim, a teoria quântica mostra que a tentativa de descrever e acompanhar uma partícula atômica com precisão minuciosa tem pouco significado. (Mais detalhes sobre este ponto são dados no Capítulo 5.) A noção de uma trajetória atômica tem apenas um limitado campo de aplicabilidade. Numa descrição mais detalhada vê-se que o átomo, sob muitos aspectos, comporta-se tanto como uma onda quanto como uma partícula. Talvez possa ser melhor considerado uma nuvem mal definida, dependendo, em sua forma particular, de todo o ambiente, e inclusive do instrumento de observação. Logo, não se pode mais manter a divisão entre o observador e o observado (que está implícita na visão atomística que vê cada um deles como agregados separados de átomos). Em vez disso, tanto o observador como o observado são aspectos que se fundem e se interpenetram, de uma realidade total, que é indivisível e não-analisável.

A relatividade nos leva a um modo de olhar para o mundo semelhante ao acima descrito em certos aspectos fundamentais (ver Capítulo 5 para mais detalhes sobre este ponto). A par-

tir do fato de que, do ponto de vista de Einstein, não é possível nenhum sinal mais rápido que a luz, segue-se o colapso do conceito de corpo rígido. Mas este conceito é crucial na teoria atômica clássica, pois nela os constituintes fundamentais do universo têm de ser pequenos objetos indivisíveis, e isto só é possível se cada parte de um tal objeto estiver rigidamente ligada a todas as outras partes. Numa teoria relativística, é necessário abandonar por completo a noção de que o mundo é constituído de objetos ou "blocos de construção" fundamentais. Em vez disso, é preciso ver o mundo em termos de fluxo universal de eventos e processos. Assim, como é indicado por A e B na Figura 1.1, em vez de pensar numa partícula, deve-se pensar num "tubo de universo".



Figura 1.1

Esse tubo de universo representa um processo infinitamente complexo de uma estrutura em movimento e em desenvolvimento centrada numa região indicada pelos limites do tubo. Todavia, mesmo fora dele, cada "partícula" possui um campo que se estende através do espaço e se funde com os campos de outras partículas.

Uma imagem mais vívida do tipo de coisa que se entende por isso é obtida considerando-se as formas de onda como estruturas em vórtice num curso fluente. Conforme é mostrado na Figura 1.2, dois vórtices correspondem a padrões estáveis de fluxo do fluido, centrados aproximadamente em A e em B. Evidentemente, esses vórtices devem ser considerados como

abstrações, elaboradas para se destacarem em nossa percepção por meio do pensamento. Na verdade, é claro, os dois padrões de fluxo abstraídos se fundem e se unem, num único movimento total do curso fluente. Não há nenhuma divisão bem-definida entre eles, nem devem ser considerados como entidades existentes separadamente ou independentemente.

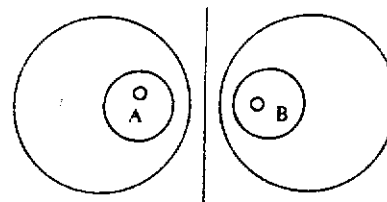


Figura 1.2

A teoria da relatividade requer esse tipo de modo de olhar para as partículas atômicas, as quais constituem toda a matéria, incluindo, é claro, os seres humanos, com seus cérebros, sistemas nervosos e instrumentos de observação que construíram e que utilizam nos laboratórios. Assim, abordando a questão por diferentes caminhos, a relatividade e a teoria quântica concordam no fato de que ambas implicam a necessidade de olhar para o mundo como um *tudo indiviso*, no qual todas as partes do universo, incluindo o observador e seus instrumentos, se fundem e se unem numa totalidade. Nesta totalidade, a forma atomística de *insight* é uma simplificação e uma abstração, válidas somente em alguns contextos limitados.

A nova forma de *insight* talvez possa ser melhor chamada de *Totalidade Indivisa em Movimento Fluente*. Esta visão implica que esse fluxo, em certo sentido, é anterior ao das "coisas" que podem ser vistas formando-se e dissolvendo-se nesse fluxo. Pode-se talvez ilustrar o que se quer dizer com isso considerando-se o "fluxo da consciência". Esta fluidez da consciência não é definível de maneira precisa, sendo, porém, evidentemente anterior às formas definíveis dos pensamentos e das idéias que podem ser vistos formando-se e dissolvendo-se no fluxo, como pequenos encrespamentos ou ondulações, ondas e vórtices num curso fluente. Como

acontece com tais padrões de movimento numa torrente, alguns pensamentos reaparecem e persistem de um modo mais ou menos estável, enquanto que outros são evanescentes.

A proposta para uma nova forma geral de *insight* é que toda matéria seja dessa natureza: isto é, há um fluxo universal que não pode ser definido explicitamente, mas que só pode ser conhecido implicitamente, conforme indicado pelas formas e configurações explicitamente definíveis, algumas estáveis e outras instáveis, que podem ser abstraídas do fluxo universal. Neste, mente e matéria não são substâncias separadas e sim aspectos diferentes de um movimento total e ininterrupto. Deste modo, estamos aptos a olhar para todos os aspectos da existência como não separados uns dos outros e, desse modo, podemos pôr um fim na fragmentação implícita na atitude usual em relação ao ponto de vista atômico, que nos leva a separar tudo de tudo de maneira consumada. No entanto, podemos incluir aquele aspecto do atomismo que ainda proporciona uma forma válida de *insight*. Apesar da totalidade indivisa no movimento fluente, os vários padrões que dele podem ser abstraídos possuem uma certa autonomia e estabilidade relativas que, de fato, são fornecidas pela lei universal do movimento fluente. Agora, porém, temos em mente, de forma nítida, os limites dessa autonomia e estabilidade.

Assim, podemos, em contextos específicos, adotar várias outras formas de *insight* que nos possibilitem simplificar certas coisas, tratando-as momentaneamente, e para certos propósitos limitados, como se fossem autônomas e estáveis, bem como, talvez, existentes separadamente. Porém, não precisamos cair na armadilha de olharmos para nós mesmos e para o mundo dessa maneira. Portanto, nosso pensamento não precisa mais levar à ilusão de que, efetivamente, a realidade é de natureza fragmentária, e às ações fragmentárias correspondentes que surgem da percepção nublada por uma tal ilusão.

O ponto de vista discutido acima é similar, em certos aspectos fundamentais, àquele sustentado por alguns dos gregos antigos. Esta similaridade pode ser ressaltada ao se considerar a noção de causalidade em Aristóteles. O filósofo distinguia quatro tipos de causas:

Material
Eficiente
Formal
Final

Um bom exemplo em termos do qual se pode entender essa distinção é obtido quando se considera algo vivo, como uma árvore ou um animal. A causa material é então apenas a matéria, em que operam todas as outras causas, e a partir da qual a coisa é constituída. Assim, no caso de uma planta, a causa material é o solo, o ar, a água e a luz solar, que constituem a substância da planta. A causa eficiente é alguma ação, externa à coisa analisada, que permite o encaminhamento de todo o processo. No caso de uma árvore, por exemplo, o plantio da semente pode ser tomado como a causa eficiente.

É de crucial importância, neste contexto, entender qual o significado de causa formal. Infelizmente, em sua conotação moderna, a palavra "formal" tende a se referir a uma forma exterior não muito significativa (p. ex., como em "roupa formal" ou "uma mera formalidade"). Todavia, na antiga filosofia grega, a palavra *forma* significava, em primeiro lugar, uma *atividade formadora* interna que é a causa do crescimento das coisas, bem como do desenvolvimento e da diferenciação das suas várias formas essenciais. Por exemplo, no caso de um carvalho, o que se indica pelo termo "causa formal" é o movimento interno total da seiva, do crescimento das células, da articulação dos ramos, folhas, etc., que é característico desse tipo de árvore e diferente do que ocorre nos outros tipos. Numa linguagem mais moderna, isto seria melhor descrito como *causa formativa*, para enfatizar que o que está envolvido não é uma mera forma imposta de fora, mas, antes, *um movimento interno ordenado e estruturado, essencial para aquilo que as coisas são*.

Evidentemente, qualquer causa formativa deve ter um fim ou produto que ao menos esteja implícito. Assim, não é possível referir-se ao movimento interno da bolota dando origem a um carvalho, sem se referir simultaneamente ao carvalho que vai resultar deste movimento. Portanto, a causa formativa sempre implica causa final.

É claro que também conhecemos a causa final como *desígnio*

nio, mantido em mente por meio do pensamento (noção esta entendida a Deus, que era considerado como tendo criado o universo segundo um grande desígnio). Entretanto, o desígnio é apenas um caso especial de causa final. Por exemplo, os homens geralmente almejam determinados fins em seus pensamentos, mas o que efetivamente costuma emergir de suas ações é, em geral, algo diferente daquilo que estava em seus desígnios, algo que estava, porém, *implícito* no que faziam, embora não conscientemente percebido pelos que tomaram parte.

Na visão antiga, considerava-se a noção de causa formativa como tendo, essencialmente, a mesma natureza tanto para a mente como para a vida e para o cosmo como um todo. De fato, Aristóteles via o universo como um organismo único onde cada parte cresce e se desenvolve em sua relação com o todo, e onde ela ocupa seu próprio lugar e sua própria função. Com respeito à mente, podemos entender esse tipo de noção em termos mais modernos voltando nossa atenção para o movimento fluente da consciência. Conforme indicado anteriormente, pode-se, em primeiro lugar, discernir vários padrões de pensamento nesse fluxo. Estes seguem-se um ao outro de modo relativamente mecânico, mediante associações determinadas por hábito e condicionamento. Evidentemente, tais mudanças associativas são externas à estrutura interna dos pensamentos em questão, de modo que essas mudanças atuam como uma série de causas eficientes. Contudo, ver a *razão* de algo não é uma atividade mecânica dessa natureza: em vez disso, tem-se a consciência de cada aspecto conforme assimilado num único todo, cujas partes estão todas interiormente relacionadas (assim como, por exemplo, os órgãos do corpo). Aqui é preciso enfatizar que o ato da razão é essencialmente um tipo de percepção intermediado pela mente, em certos aspectos semelhante à percepção artística, e não apenas a repetição associativa de razões já conhecidas. Assim, pode-se ficar perplexo com um amplo espectro de fatores, coisas que não se ajustam, até que de repente há um lampejo de compreensão e, então, vê-se como todos esses fatores se relacionam como aspectos de uma totalidade (considere, p. ex., o *insight* de Newton sobre a gravitação universal). Não se pode, de maneira adequada, fazer uma análise ou descrição detalha-

da de tais atos de percepção. Em vez disso, eles devem ser considerados como aspectos da atividade *formadora* da mente. Uma determinada estrutura de conceitos é então o *produto* dessa atividade, e esses produtos estão ligados pela série de causas eficientes que operam no pensamento associativo comum — e, como foi assinalado anteriormente, nesta visão a atividade formadora é considerada tão fundamental na natureza como o é na mente, de modo que as formas-produtos na natureza também estão ligadas por causas eficientes.

Evidentemente, a noção de causa formativa é relevante para a visão da totalidade indivisa no movimento fluente, o que se constatou estar implicado nos modernos desenvolvimentos da física, notavelmente na teoria da relatividade e na teoria quântica. Logo, como tem sido assinalado, cada estrutura relativamente autônoma e estável (p. ex., uma partícula atômica) deve ser entendida não como algo que existe de modo independente e permanente, mas, antes, como um produto formado no movimento fluente total e que finalmente voltará a dissolver-se nesse movimento. Como ele se forma e mantém a si próprio depende, então, do seu lugar e da sua função no todo. Portanto, vemos que certos desenvolvimentos na física moderna implicam um tipo de *insight* da natureza que está relacionado às noções de causa formativa e de causa final, essencialmente semelhante àquelas maneiras de olhar comuns na antigüidade.

No entanto, na maior parte dos trabalhos que hoje estão sendo feitos em física, as noções de causa formativa e de causa final não são consideradas de importância fundamental. Em vez disso, geralmente ainda se concebe a lei como um sistema autodeterminado de causas eficientes, operando num conjunto final de constituintes materiais do universo (p. ex., as partículas elementares sujeitas às forças de interação entre elas). Não se considera que estes constituintes sejam formados num processo global, e sendo assim eles não são considerados como órgãos adaptados ao seu lugar e à sua função no todo (isto é, aos fins a que serviriam nesse todo). Antes, tendem a ser concebidos como elementos mecânicos de natureza fixa, existentes separadamente.

A tendência predominante na física moderna contrasta fortemente com qualquer espécie de visão que dá primazia à ati-

vidade formativa na totalidade indivisa do movimento fluente. De fato, aqueles aspectos da teoria da relatividade e da teoria quântica que sugerem a necessidade de uma tal visão tendem a ser desenfaturados e, na verdade, pouco notados pela maioria dos físicos, pois são vistos em grande parte como aspectos dos cálculos matemáticos, e não como indicações da natureza real das coisas. Quando, na física, se usa a linguagem e o modo de pensar informais, que inspiram a imaginação e provocam o sentimento do que é real e substancial, a maioria dos físicos ainda fala e pensa, com uma total convicção da verdade, em termos da noção atomística tradicional de que o universo é constituído de partículas elementares que são “os blocos de construção básicos”, dos quais tudo é feito. Em outras ciências, tais como a biologia, a força dessa convicção é ainda maior, pois entre os que trabalham nessas áreas há pouca consciência do caráter revolucionário do progresso na física moderna. Por exemplo, os modernos biólogos moleculares geralmente acreditam que a totalidade da vida e da mente pode, em última instância, ser entendida em termos mais ou menos mecânicos, por meio de algum tipo de extensão do trabalho que tem sido feito sobre a estrutura e a função das moléculas de ADN. Uma tendência semelhante já começou a dominar na psicologia. Chegamos, desse modo, ao muito estranho resultado de que, no estudo da vida e da mente, que são justamente os campos onde a causa formativa, atuando em movimento fluente indiviso e ininterrupto, é mais evidente à experiência e à observação, existe agora a mais forte das crenças na abordagem atomística fragmentária da realidade.

É claro que a tendência, predominante na ciência, para pensar e perceber em termos de uma visão pessoal de mundo fragmentária faz parte de um movimento maior que se tem desenvolvido ao longo das eras e que hoje permeia quase toda a nossa sociedade; mas, por sua vez, um tal modo de pensar e observar, presente na pesquisa científica, tende, muito acentuadamente, a reforçar a abordagem geral fragmentária, pois dá aos homens um quadro do mundo todo como não sendo constituído de outra coisa senão um agregado de “blocos de construção atômicos” existentes separadamente, e fornece evidências expe-

rimentais de onde se tira a conclusão de que esta visão é necessária e inevitável. Desse modo, as pessoas são levadas a sentir que a fragmentação nada mais é que uma expressão da “maneira como tudo realmente é”, e que qualquer outra coisa é impossível. Portanto, há muito pouca disposição para buscar evidências em contrário. Na verdade, como já se indicou, mesmo quando surgem tais evidências, a exemplo da física moderna, a tendência geral é no sentido de minimizar sua importância ou mesmo ignorá-la por completo. Poder-se-ia até dizer que, de fato, no atual estado em que se acha a sociedade, e no modo atual de ensinar ciência, que é uma manifestação desse estado da sociedade, uma espécie de preconceito a favor de uma visão pessoal de mundo fragmentária é fomentado e transmitido (até certo ponto explícita e conscientemente, mas principalmente de uma maneira implícita e inconsciente).

Porém, como já foi indicado, os homens que são guiados por uma tal visão de mundo fragmentária não podem, a longo prazo, fazer outra coisa a não ser tentar, em suas ações, quebrar a si próprios e ao mundo em pedaços, em correspondência com o seu modo geral de pensar. Uma vez que, em primeiro lugar, a fragmentação é uma tentativa de estender a análise do mundo em partes separadas além do domínio onde fazê-lo é adequado, trata-se, na verdade, de uma tentativa de dividir aquilo que na realidade é indivisível. Na próxima etapa, uma tal tentativa também nos levará a tentar unir o que na realidade não pode ser unido. Isto pode ser reconhecido de maneira particularmente clara em termos de agrupamentos de pessoas na sociedade (grupos políticos, econômicos, religiosos, etc.). O próprio ato de formar um tal grupo tende a criar um sentido de divisão e de separação dos membros em relação ao resto do mundo, mas, uma vez que eles estão, na realidade, ligados com o todo, isto não pode funcionar. Cada membro tem, de fato, uma conexão algo diferente, e mais cedo ou mais tarde esta diferença se revela como uma diferença entre ele e os outros membros do grupo. Toda vez que os homens separam-se do todo da sociedade e tentam unir-se por identificação dentro de um grupo, é claro que este acaba por manifestar disputas internas, o que leva ao colapso de sua unidade. Da mesma maneira, quando os

homens, na prática de seu trabalho técnico, tentam separar algum aspecto da natureza, poder-se-á desenvolver um estado semelhante de contradição e desunião. O mesmo tipo de coisa acontecerá ao indivíduo se ele tentar separar-se da sociedade. A verdadeira unidade no indivíduo e entre o homem e a natureza, bem como entre o homem e o homem, só pode surgir numa forma de ação que não tente fragmentar o todo da realidade.

Nosso modo fragmentário de pensar, olhar e agir tem, evidentemente, implicações em cada aspecto da vida humana. Isto é, por uma curiosa ironia, a fragmentação parece ser a única coisa universal na nossa vida, que funciona através do todo sem fronteiras ou limites. Isto ocorre porque as raízes da fragmentação são muito profundas e estão muito difundidas. Como já foi assinalado, tentamos dividir o que é uno e indivisível, e isto implica que na próxima etapa tentaremos identificar o que é diferente.

Portanto, a fragmentação é, em essência, uma confusão em torno da questão da diferença e da semelhança (ou estado de unidade, *one-ness*), mas a clara percepção dessas categorias é necessária em cada fase da vida. *Estar confuso sobre o que é diferente e o que não é, é estar confuso sobre tudo.* Logo, não é acidental o fato de que nossa forma fragmentária de pensamento esteja levando a um espectro tão amplo de crises sociais, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas, etc., no indivíduo e na sociedade como um todo. Um tal modo de pensar implica um interminável desenvolvimento de conflitos caóticos e sem sentido, onde as energias de todos tendem a se perder em movimentos antagônicos ou em desentendimentos.

Evidentemente, é importante e, sem dúvida, de máxima urgência desfazer essa confusão profunda e difundida que penetra toda nossa vida. De que adiantam tentativas de ação social, política, econômica ou de qualquer outro tipo, se a mente está presa num movimento confuso em que diferencia o que não é diferente e identifica o que não é idêntico? Uma tal ação será, na melhor das hipóteses, ineficaz e, na pior, destrutiva.

Nem tampouco será útil tentar impor algum tipo fixo de princípio "holístico" integrador ou unificador sobre a nossa visão pessoal de mundo, pois, como indicamos antes, qualquer tipo

de visão pessoal de mundo fixa implica que não estamos mais tratando nossas teorias como *insights* ou maneiras de olhar, mas, antes, como "conhecimento absolutamente verdadeiro das coisas como elas realmente são". Assim, quer gostemos, quer não, as distinções, que se acham inevitavelmente presentes em qualquer teoria, mesmo "holística", serão falsamente tratadas como divisões, acarretando a existência separada dos termos que são assim distinguidos (de modo que, correspondentemente, o que não for distinguido desta maneira será falsamente tratado como absolutamente idêntico).

Temos, pois, de ficar alertas para considerar seriamente e atender com cuidado para o fato de que nossas teorias não são "descrições da realidade como ela é", mas, sim, formas de *insight* sempre em transformação, que podem indicar ou apontar uma realidade implícita e não descritível ou especificável em sua totalidade. Esta necessidade em estar assim atento vale até para o que está sendo dito aqui neste capítulo, no sentido de que não deve ser visto como "conhecimento absolutamente verdadeiro da natureza das fragmentações e da totalidade". Em vez disso, é também *uma teoria* que proporciona um *insight* sobre essa questão. Cabe ao leitor ver por si mesmo se o *insight* é claro ou obscuro, e quais são os limites de sua validade.

Então, o que pode ser feito para pôr fim ao estado predominante de fragmentação? À primeira vista, esta pode parecer uma questão razoável, mas um exame mais cuidadoso nos leva a perguntar se de fato o é, pois pode-se verificar que essa questão tem pressuposições que não são claras.

Falando em termos gerais, se alguém pergunta como resolver um problema técnico, por exemplo, pressupõe-se que, embora comecemos por não saber a resposta, nossas mentes, no entanto, estão suficientemente lúcidas para descobrir uma resposta, ou pelo menos para reconhecer a descoberta de uma resposta por parte de outrem. Mas, se todo o nosso modo de pensar estiver impregnado pela fragmentação, isto implica que não somos capazes de fazê-lo, pois a percepção fragmentária é, em essência, um hábito de confusão, em grande medida inconsciente, em torno da questão do que é diferente e do que não é. Portanto, no próprio ato em que tentamos descobrir o que fazer a

respeito da fragmentação, continuaremos este hábito e, assim, tenderemos a introduzir ainda outras formas de fragmentação.

Isto não significa necessariamente, é claro, que não há nenhuma saída, mas sim que temos de dar uma pausa, de modo a não agirmos de acordo com os nossos habituais modos de pensar fragmentários, enquanto procuramos soluções que estejam ao nosso alcance. A questão da fragmentação e da totalidade é sutil e difícil, mais ainda do que aquelas que levam a descobertas fundamentalmente novas na ciência. Perguntar como acabar com a fragmentação e esperar uma resposta em alguns minutos faz ainda menos sentido do que indagar como desenvolver uma teoria tão nova quanto foi a de Einstein na época em que a elaborava e esperar que sejamos informados quanto ao que fazer em termos de algum programa expresso em fórmulas ou receitas.

Um dos pontos mais difíceis e sutis sobre essa questão é justamente o de esclarecer o que se entende pela relação entre o conteúdo do pensamento e o processo do pensar que produz esse conteúdo. Uma das principais fontes de fragmentação é, sem dúvida, a pressuposição geralmente aceita de que o processo do pensamento é suficientemente separado e independente de seu conteúdo para nos permitir, em geral, a execução de um pensar claro, ordenado e racional, que pode julgar adequadamente este conteúdo como correto ou incorreto, racional ou irracional, fragmentário ou total, etc. Com efeito, como se tem visto, a fragmentação envolvida numa visão pessoal de mundo não está apenas no conteúdo do pensamento, mas na atividade geral da pessoa que "faz o pensamento", encontrando-se, assim, tanto no processo do ato de pensar como no conteúdo. De fato, conteúdo e processo não são duas coisas que existem separadamente, mas, antes, constituem dois aspectos da visão de um movimento total. Logo, conteúdo fragmentário e processo fragmentário têm de desaparecer *juntos*.

Precisamos tratar aqui da unidade* do processo do pensamento e do seu conteúdo, semelhante, em aspectos fundamentais, à unidade* do observador e do observado: este fato tem sido discutido em relação à teoria da relatividade e à teoria

quântica. Questões desta natureza não podem ser convenientemente respondidas enquanto estivermos presos, consciente ou inconscientemente a um modo de pensar que tenta analisar a si próprio em termos de uma suposta separação entre o processo do pensamento e o conteúdo deste, que é seu produto. Ao aceitarmos uma tal presunção, somos levados, na próxima etapa, a buscar alguma fantasia de ação por intermédio de causas eficientes que poriam fim à fragmentação no conteúdo, enquanto que no processo efetivo do pensamento ela permaneceria intacta. É necessário, porém, apreender de alguma maneira a *causa formativa* global da fragmentação, onde conteúdo e processo efetivo são vistos juntos, em sua totalidade.

Poder-se-ia considerar aqui a imagem de uma multidão turbulenta de vórtices numa torrente. A estrutura e distribuição dos vórtices, que constituem uma espécie de conteúdo da descrição do movimento, não estão separadas da atividade formativa do fluxo da torrente, que cria, mantém e finalmente dissolve a totalidade das estruturas em vórtice. Portanto, tentar eliminar os vórtices sem mudar a atividade formativa da torrente seria, evidentemente, um absurdo. Assim que a nossa percepção é guiada, pelo *insight* adequado, para a significação do movimento total, é claro que não estaremos dispostos a tentar uma abordagem tão fútil. Em vez disso, observaremos a situação como um todo e ficaremos atentos e alertas para nos instruímos sobre ela, e portanto para descobrirmos qual seria realmente um tipo de ação adequado, aplicável a esse todo, pondo, dessa maneira, fim à turbulenta estrutura de vórtices. Analogamente, quando de fato apreendermos a verdade da unidade (*one-ness*) do processo de pensamento que estivermos efetivamente realizando e do conteúdo desse pensamento que é o produto desse processo, então um tal *insight* nos possibilitará observar, olhar e aprender a respeito do movimento total do pensamento e, assim, descobrir uma ação que seja relevante em face desse todo, e que porá fim à "turbulência" do movimento que é a essência da fragmentação em cada fase da vida.

É claro que esse aprendizado e essa descoberta exigirão uma cuidadosa atenção e um árduo trabalho. Estamos preparados para dedicar uma tal atenção e um tal trabalho num amplo

* *One-ness*, no original. (N. do T.)

espectro de domínios: científico, econômico, social, político, etc. Até agora, porém, poucos ou nenhum deles têm-se dedicado à criação de *insights* no processo do pensamento, de cuja clareza depende o valor de tudo o mais. Fundamentalmente, é necessário uma compreensão cada vez maior do extremo perigo de se continuar com um processo fragmentário de pensamento. Tal compreensão nos daria a possibilidade de averiguar como o pensamento de fato opera aquele sentido de urgência e de energia exigido para se ir ao encontro da verdadeira magnitude das dificuldades com as quais a fragmentação nos põe hoje em confronto.

Apêndice: Resumo da discussão sobre as formas ocidentais e orientais de percepção da totalidade

Nas primeiras fases do desenvolvimento da civilização, as concepções do homem eram essencialmente de totalidade em vez de fragmentação. No Oriente (especialmente na Índia) essas concepções ainda sobrevivem, no sentido de que a filosofia e a religião enfatizam a totalidade e sugerem a futilidade da análise do mundo em partes. Por que, então, não abandonamos nossa abordagem ocidental fragmentária e adotamos essas noções orientais, que incluem não apenas uma visão pessoal de mundo que nega a divisão e a fragmentação, mas também técnicas de meditação que levam não-verbalmente todo o processo de operação mental àquele estado tranqüilo de fluxo sereno e ordenado necessário para pôr um fim à fragmentação, tanto no processo efetivo do pensamento quanto em seu conteúdo?

Para responder a essa pergunta, é útil começar familiarizando-nos com a diferença entre as noções ocidental e oriental de medida. Ora, no Ocidente, a noção de medida desempenha, desde a antiguidade, um papel fundamental na determinação da visão geral pessoal de mundo, bem como na do modo de vida implícito nessa visão. Assim, entre os gregos antigos, de quem derivamos uma grande parte de nossas noções fundamentais (por intermédio dos romanos), manter tudo em sua justa medi-

da era considerado um dos elementos essenciais para uma boa vida (as tragédias gregas, por exemplo, geralmente retratavam o sofrimento do homem como consequência de ele ir além da medida apropriada das coisas). Com relação a isto, a medida não era considerada em seu sentido moderno, como sendo, basicamente, algum tipo de comparação de um objeto com um padrão ou unidade exterior. Ao contrário, este último procedimento era visto como uma espécie de exposição ou aparecimento ou manifestação exterior de uma "medida interna" mais profunda, que desempenhava um papel essencial em todas as coisas. Quando uma coisa ia além da medida que lhe era própria, isto não significava meramente uma não-conformidade a um padrão exterior do que era certo; muito mais do que isto, significava uma desarmonia interior, de tal sorte que essa coisa estava fadada a perder sua integridade e partir-se em fragmentos. Pode-se obter algum *insight* nesse modo de pensar se levarmos em consideração os antigos significados de certas palavras. Assim, a palavra latina *mederi*, que significa "curar" (a raiz da moderna palavra "medicina") deriva de uma raiz que significa "medir". Isto reflete a visão de que a saúde física deve ser vista como o resultado de um estado de justa medida interna em todas as partes e processos do corpo. De modo semelhante, a palavra "moderação", que descreve uma das primeiras noções antigas de virtude, baseia-se na mesma raiz, e isso mostra que tal virtude era considerada como o resultado de uma correta medida interna subjacente às ações e comportamentos sociais do homem. Por outro lado, a palavra "meditação", derivada da mesma raiz, envolve uma espécie de pesagem, ponderação, ou medição de todo o processo do pensamento, que pode levar as atividades internas da mente a um estado de medida harmoniosa. Portanto, física, social e mentalmente, a consciência da medida interna das coisas era vista como a chave essencial para uma vida saudável, feliz e harmoniosa.

É claro que a medida deve ser expressa mais detalhadamente por meio da proporção ou razão. *Ratio* é a palavra latina da qual deriva nossa moderna palavra "razão". Na concepção antiga, a razão é vista como *insight* numa totalidade de *ratio* ou de proporções, considerada interiormente pertinente à própria

natureza das coisas (e não só exteriormente como uma forma de comparação com um padrão ou unidade). Evidentemente, essa *ratio* não é, necessariamente, uma mera proporção numérica (embora, é claro, inclua tal proporção). Mais precisamente, é em geral um tipo qualitativo de proporção ou relação universal. Quando Newton teve o *insight* da gravitação universal, o que ele viu pode ser expresso deste modo: “Assim como a maçã cai, o mesmo acontece com a Lua e, de fato, com todas as coisas. Para mostrar a forma da *ratio* ainda mais explicitamente, pode-se escrever:

$$A : B :: C : D :: E : F$$

onde *A* e *B* representam sucessivas posições da maçã em sucessivos momentos do tempo, *C* e *D*, as posições da Lua, e *E* e *F* as de qualquer outro objeto.

Toda vez que encontramos um motivo teórico para alguma coisa, estamos exemplificando essa noção de *ratio*, no sentido de sugerir que, assim como os vários aspectos estão relacionados em nossa idéia, também o estão na coisa sobre a qual versa a idéia. A razão essencial ou *ratio* de uma coisa é então a totalidade das proporções internas em sua estrutura e no processo em que ela se forma, mantém a si própria e finalmente se dissolve. Nessa visão, entender tal *ratio* é entender o “ser mais íntimo” dessa coisa.

Inferese, portanto, que a medida é uma forma de *insight* na essência de todas as coisas, e que a percepção do homem, seguindo os caminhos indicados por tal *insight*, será clara, realizando assim, geralmente, uma ação ordenada e uma vida harmoniosa. Com relação a isto, é útil lembrar as noções dos gregos antigos sobre medida na música e nas artes visuais. Essas noções enfatizavam que o conhecimento das medidas era uma chave para o entendimento da harmonia na música (p. ex., a medida como ritmo, como justa proporção na intensidade do som, como justa proporção na tonalidade, etc.). Da mesma maneira, nas artes visuais, a justa medida era vista como essencial à harmonia e à beleza totais (p. ex., considere a “Proporção Áurea”, ou seja, a média e extrema razão). Tudo isso indica o quanto a noção

de medida foi além da noção de comparação com um padrão externo, apontando para um tipo universal de *ratio* ou proporção interna, percebida tanto pelos sentidos como pela mente.

Naturalmente, à medida que o tempo passava, essa noção de medida aos poucos começou a mudar, a perder sua sutileza e tornar-se relativamente grosseira e mecânica. É provável que isso tenha ocorrido porque a noção humana tornou-se cada vez mais rotineira e habitual, tanto com relação à sua exibição externa e medidas tomadas por comparação com uma unidade externa como com relação ao seu significado interno, enquanto *ratio* universal aplicável à saúde física, à ordem social e à harmonia mental. Os homens começaram a aprender essas noções de medida de maneira mecânica, conformando-se aos ensinamentos de seus antepassados ou de seus mestres, e não de modo criativo, por meio de um sentimento e uma compreensão íntimos do significado mais profundo da *ratio* ou proporção sobre a qual estavam aprendendo. Dessa maneira, gradualmente, a medida passou a ser ensinada como uma espécie de regra que devia ser imposta a partir de fora sobre o ser humano, que, por sua vez, impunha a medida correspondente, nos níveis físico, social e mental, em cada contexto em que estivesse trabalhando. Como resultado, as noções predominantes de medida não foram mais vistas como formas de *insight*. Em vez disso, afiguravam-se como “verdades absolutas sobre a realidade como ela é”, que parecia aos homens uma coisa que eles sempre conheceram, e cuja origem era, com frequência, mitologicamente explicada como injunções obrigatórias dos Deuses. Haveria perigo e haveria maldade em questioná-las. O pensamento sobre a medida tendia assim a cair principalmente no domínio do hábito inconsciente e, como resultado, as formas induzidas na percepção por esse pensamento passaram então a ser vistas como realidades objetivas diretamente observadas, que eram essencialmente independentes de como foram pensadas.

Mesmo na época dos gregos antigos, este processo tinha percorrido um longo caminho e, conforme iam percebendo isso, os homens começaram a questionar a noção de medida. Assim, Protágoras disse: “O homem é a medida de todas as coisas”, enfatizando desse modo que a medida não é uma realidade exterior aos homens, existindo independentemente dele. Porém, muitos dos que

tinham o hábito de olhar para tudo externamente também aplicaram esse modo de observação àquilo que Protágoras dissera. Logo, concluíram que a medida era uma coisa arbitrária, e sujeita à escolha ou ao gosto caprichoso de cada indivíduo. É claro que desse modo passaram por cima do fato de que a medida é uma forma de *insight* que tem de se ajustar à realidade global em que o homem vive, como é demonstrado pela clareza de percepção e harmonia de ação às quais ele leva. Um tal *insight* pode surgir adequadamente apenas quando um homem trabalha com seriedade e honestidade, colocando em primeiro lugar a verdade e a factualidade, em vez de seus próprios caprichos e desejos.

A rigidificação e a objetivação gerais da noção de medida continuaram a desenvolver-se até que, nos tempos modernos, a própria palavra “medida” veio a denotar principalmente um processo de comparação de algo com um padrão externo. Embora o significado original ainda sobreviva em alguns contextos (p. ex., na arte e na matemática), ele é geralmente considerado como tendo apenas uma espécie de importância secundária.

Ora, no Oriente a noção de medida não desempenhou um papel tão fundamental. Em vez disso, na filosofia aí predominante, o imensurável (isto é, aquilo que não pode ser nomeado, descrito ou entendido por meio de qualquer forma de razão) é considerado como a realidade fundamental. Assim, no sânscrito (que tem uma origem comum ao grupo lingüístico indo-europeu) há uma palavra, *matra*, que significa “medida”, no sentido musical, e que, evidentemente, está próxima do grego “*metron*”. Mas há uma outra palavra, *maya*, obtida da mesma raiz, que quer dizer “ilusão”. Este é um ponto extraordinariamente significativo. Enquanto que para a sociedade ocidental, que deriva dos gregos, a medida, com tudo o que esta palavra implica, é a própria essência da realidade, ou pelo menos a chave para esta essência, no Oriente ela veio a ser usualmente considerada como sendo, num certo sentido, falsa e enganosa. Nesta visão, toda a estrutura e a ordem das formas, proporções e *ratios* que se apresentam à percepção e à razão*

* A palavra razão, em português, pode significar, entre outras coisas, tanto “a capacidade de raciocinar, julgar, compreender,” como “a relação entre duas grandezas da mesma espécie”. No inglês, há duas palavras distintas para esses dois significados. A primeira é *reason* e a segunda, *ratio*. (N. do T.)

convencionais são consideradas uma espécie de véu que cobre a verdadeira realidade. Esta não pode ser percebida pelos sentidos, e sobre ela nada se pode dizer ou pensar.

Está claro que os diferentes caminhos desenvolvidos pelas duas sociedades ajustam-se às suas diferentes atitudes em relação à medida. Assim, no Ocidente, a sociedade enfatizou principalmente o desenvolvimento da ciência e da tecnologia (dependentes da medida), ao passo que no Oriente a ênfase recaiu na religião e na filosofia (que estão dirigidas fundamentalmente para o imensurável).

Se essa questão for considerada cuidadosamente, constatar-se-á que, num certo sentido, o Oriente tinha razão em ver o imensurável como a realidade fundamental. Pois, como já foi indicado, a medida é um *insight* criado pelo homem. Uma realidade que esteja além dele e que o antecede não pode depender de um tal *insight*. De fato, a tentativa de supor que a medida existe antes do homem e independe dele leva, como já foi visto, à “objetivação” do *insight*, de modo que este se torna rígido e incapaz de mudar, ocasionando eventualmente fragmentação e confusão geral, conforme é descrito neste capítulo.

Pode-se especular que, talvez, na antigüidade, os homens que eram suficientemente sábios para entender que o imensurável é a realidade fundamental, também o fossem para ver que a medida é *insight* num aspecto secundário e dependente, mas não obstante necessário, da realidade. Portanto, eles podem ter concordado com os gregos que o *insight* em relação à medida é capaz de ajudar e trazer ordem e harmonia para as nossas vidas, ao mesmo tempo em que, enxergando talvez mais profundamente, reconhecerem que ele não pode ser o que há de mais fundamental a esse respeito.

O que eles podem ter dito além disso é que quando a medida é identificada com a própria essência da realidade, isto é ilusão. Mas, então quando os homens aprenderam isso conformando-se com os ensinamentos da tradição, seu significado tornou-se em grande parte habitual e mecânico. Assim, tanto no Oriente como no Ocidente, o verdadeiro *insight* pode ter-se transformado em algo falso e enganoso devido ao procedimento de se aprender mecanicamente por conformidade aos ensinamentos

existentes, em vez de fazê-lo por meio de uma apreensão criativa e original dos *insights* implícitos em tais ensinamentos.

Naturalmente, é impossível voltar a um estado de totalidade que pode ter imperado antes que se desenvolvesse a ruptura entre Oriente e Ocidente (pois sabemos pouco, se é que sabemos alguma coisa, sobre esse estado). É preciso, isto sim, aprender de novo, observar e descobrir por nós mesmos o significado da totalidade. Evidentemente, precisamos estar cientes desses ensinamentos do passado, tanto ocidentais como orientais, mas imitá-los ou tentar conformar-nos a eles seria de pouca valia. Pois, como tem sido apontado neste capítulo, desenvolver um novo *insight* sobre a fragmentação e a totalidade requer um trabalho criativo mais difícil do que aquele necessário para fazer novas descobertas fundamentais na ciência, ou obras de arte grandes e originais. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que alguém semelhante a Einstein em criatividade não é aquele que imita as idéias de Einstein, nem mesmo aquele que aplica essas idéias seguindo novos caminhos, mas sim é aquele que aprende com Einstein e depois prossegue fazendo algo original, que é capaz de assimilar o que é válido no trabalho de Einstein e, ainda, ir além desse trabalho, percorrendo caminhos qualitativamente novos. Portanto, o que temos de fazer com respeito à grande sabedoria do passado, tanto do Oriente como do Ocidente, é assimilá-la e prosseguir com percepções novas e originais relacionadas à nossa atual condição de vida.

Ao fazer isso, é importante que tenhamos uma clara visão do papel das técnicas, tais como as que são utilizadas nas várias formas de meditação. De certo modo, técnicas de meditação podem ser consideradas como medidas (ações ordenadas pelo conhecimento e pela razão) tomadas pelo homem para tentar alcançar o imensurável, isto é, um estado mental em que ele deixa de sentir uma separação entre si próprio e o todo da realidade. Mas, evidentemente, há uma contradição nessa noção, pois o imensurável é, se é que de fato ele é algo, justamente aquilo que não pode ser colocado dentro de limites determinados pelo conhecimento e pela razão do homem.

Ora, em certos contextos especificáveis, as medições técnicas, entendidas no espírito apropriado, podem nos levar a fa-

zer coisas das quais podemos obter *insight*, se estivermos atentos. Tais possibilidades, porém, são limitadas. Seria, pois, uma contradição em termos pensar na formulação de técnicas para fazer novas descobertas fundamentais na ciência ou obras de arte originais e criativas, pois a própria essência de tal ação é uma certa liberdade relativamente à sua dependência de outras, que seriam necessárias como guias. Como pode essa liberdade ser transmitida numa atividade em que a conformidade ao conhecimento de uma outra pessoa é a principal fonte de energia? E se as técnicas não são capazes de ensinar originalidade e criatividade na arte e na ciência, como seria possível a elas fazer-nos “descobrir o imensurável”?

Com efeito, não há nada, direta e positivamente, que o homem possa fazer para entrar em contato com o imensurável, pois este deve estar muitíssimo além de qualquer coisa que o ser humano possa apreender com a mente ou executar com as mãos ou com seus instrumentos. O que o homem *pode* fazer é dar toda a sua atenção e dedicar todas as suas energias criativas para levar clareza e ordem à totalidade do campo de medida. É evidente que isso envolve não apenas a exibição externa da medida em termos de unidades externas, mas também a medida interna, como a saúde do corpo, a moderação na ação, e a meditação, que proporciona *insight* na medida do pensamento. Esta última é particularmente importante porque, como já foi visto, a ilusão de que o *self* e o mundo estão divididos em fragmentos origina-se do tipo de pensamento que vai além de sua medida adequada e confunde seu próprio produto com a mesma realidade independente. Para pôr fim a essa ilusão é necessário o *insight*, não apenas no mundo como um todo, mas também no modo como opera o instrumento do pensamento. Tal *insight* implica um ato de percepção original e criativo em todos os aspectos da vida, mental e física, tanto por meio dos sentidos como da mente; e talvez seja este o verdadeiro significado da meditação.

Como vimos, a fragmentação tem sua origem, em essência, na fixação dos *insights* que formam a nossa visão pessoal global de mundo, o que dá continuidade, ininterruptamente, aos nossos modos habituais, geralmente mecânicos e rotineiros, de

pensar sobre esses assuntos. Devido ao fato de a realidade primária situar-se além de qualquer coisa que possa estar contida nessas formas fixas de medida, esses *insights* devem finalmente deixar de ser apropriados, dando, assim, origem a várias formas de obscuridade ou confusão. Todavia, quando todo o campo de medida estiver aberto ao *insight* original e criativo, sem quaisquer limites ou barreiras fixados, então nossas visões globais de mundo deixarão de ser rígidas e todo o campo de medida entrará em harmonia, enquanto a fragmentação dentro dele chegará ao fim. Mas o *insight* original e criativo no âmbito de todo o campo de medida é a ação do imensurável. Pois quando esse *insight* ocorre, a fonte não pode estar no âmbito de idéias já contidas no campo de medida, mas sim no imensurável, que contém a causa formativa essencial de tudo o que acontece no campo de medida. O mensurável e o imensurável estão, assim, em harmonia e, de fato, pode-se ver que não passam de modos diferentes de considerar o todo uno e indiviso.

Quando predomina uma tal harmonia, o homem pode, então, não somente ter um *insight* no significado da totalidade, mas, o que é muito mais importante, pode perceber a verdade desse *insight* em cada fase e cada aspecto de sua vida.

Como Krishnamurti¹ ressaltou com grande vigor e clareza, isso exige que o homem dedique todas as suas energias criativas à investigação de todo o campo de medida. Um tal empreendimento talvez seja extremamente difícil e árduo, mas uma vez que tudo gira em torno disso, é claro que vale a atenção séria e a máxima consideração de cada um de nós.